

Marcílio altera a negociação

JORNAL DE BRASÍLIA

Helival Rios

Sem nenhum estardalhaço, como é típico do seu estilo, o ministro Marcílio Marques Moreira alterou radicalmente a estratégia de negociação da dívida externa brasileira. Por causa dessas alterações, os acordos definitivos da dívida poderão acontecer bem mais rápido do que se imaginava, provavelmente, até o final deste ano, nas três frentes em que se realiza: junto ao comitê dos bancos privados, ao FMI (Fundo Monetário Internacional) e ao Clube de Paris.

A primeira grande alteração na estratégia do governo brasileiro de renegociação da dívida externa implicou em se abrir mão de um conceito rígido de **capacidade de pagamento** do País.

Em vez de repetir as teses surgidas ainda com Tancredo Neves, de que o Brasil deveria fixar, unilateralmente, para todo o período da negociação, o quanto pode pagar, tese que ganhou maior dimensão com o ex-ministro Bresser Pereira e depois com o próprio presidente Collor e a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, o ministro Marcílio convenceu o governo a mudar de tática. Trocou o conceito rígido de capacidade de pagamento, por um conceito extremamente flexível, que deverá moldar-se às mudanças de conjuntura.

Num telefonema para Brasília, falando com seus assessores, o ministro Marcílio Marques Moreira diz que tudo funciona como o "andar de bicicleta": a cada pedalada, a paisagem vai mudando. Ele diz isso para justificar a troca de um conceito estático de "capacidade de pagamento", que o governo tentou impor aos banqueiros, no passado, por um conceito extremamente dinâmico.

Isto é, a capacidade de pagamento de um País é um fator dinâmico, que muda com as mudanças conjunturais. Ao introduzir esse conceito dinâmico nas negociações, o governo, na prática, passou a ser

Japão libera US\$ 474 mi

Tóquio — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, assina hoje, no Japão, contratos de empréstimos no valor de US\$ 474 milhões. O financiamento se destina a projetos de desenvolvimento no Brasil e representantes de três estados a serem beneficiados estarão presentes — Minas Gerais, Goiás e Pernambuco. No segundo dia da visita oficial de Marcílio ao Japão, o ministro das Finanças, Ryutaro Hashimoto, disse ontem que Tóquio espera a conclusão de um acordo entre o Brasil e o FMI.

Após o encontro com Hashimoto, o ministro da Economia foi recebido em almoço com representantes dos nove bancos japoneses credores do Brasil. Realizada na sede do Banco de Tóquio — o mais ex-

posto à dívida brasileira —, a reunião foi marcada por muitas perguntas dos presentes a Marcílio. De acordo com uma fonte brasileira, o ministro esclareceu as dúvidas dos banqueiros quanto ao programa econômico do País e a dívida externa. "Como banqueiro que é, Marcílio se entendeu bem com os colegas japoneses", acrescentou a fonte.

No mesmo local do almoço, Marcílio teve uma entrevista em separado com o presidente do Banco de Tóquio, Tasuku Takagi. Segundo um alto executivo da instituição, o encontro foi "positivo" e, na análise de diplomatas brasileiros, o ministro da Economia tem sido muito bem recebido em todos os encontros de que tem participado.

Em vez disso, o governo brasileiro, sob a orientação do ministro Marcílio, já chegou a esta última rodada de negociações apresentando um conjunto de propostas que considera plenamente factível, já dentro de uma média dos interesses dos dois lados.

Uma terceira grande mudança, não menos importante, consistiu em apresentar aos credores do País, não uma proposta única, resultado das concepções do governo brasileiro, mas sim um cardápio de propostas, um grande leque de alternativas capaz de adequar-se às legislações específicas das diferentes nações dos diversos credores, e dos principais Estados dos Estados Unidos.

Acolhida

Graças a essas radicais mudanças na condução da dívida externa implementadas pelo ministro Marcílio, as propostas brasileiras de renegociação — conforme o próprio ministro narrou esta semana num telefonema para o presidente Fernando Collor — estão recebendo, neste momento, excelente acolhida por parte dos banqueiros e de auto-

ridades dos países ricos, que talvez já estivessem com o espírito preparado para enfrentar uma onda de intransigências.

Isso está levando a se traçar, dentro do governo, perspectivas otimistas quanto ao horizonte de um final mais rápido nos acordos com os bancos privados, com o FMI e com o Clube de Paris, que podem estar concluídos até o final deste ano.

Na próxima semana, chega a Brasília, uma nova missão do FMI. Enquanto isso, os entendimentos se aprofundam em Nova Iorque com o Comitê dos bancos e, no próximo sábado, o ministro Marcílio manterá encontro com Jean Claude Trichet, presidente do Clube de Paris, na capital francesa.

Todas essas negociações, ao que imagina o ministro Marcílio, deverão convergir de forma ordenada para uma data que deve estar próxima, e na qual os acordos nas três frentes vão se realizar de forma quase que simultânea.

Dinheiro novo

Fechando esses três acordos, entende o ministro Marcílio — segundo explicam seus assessores ao **Jornal de Brasília**, o Brasil poderá, finalmente, normalizar suas relações com a comunidade financeira internacional.

Esse ponto será de máxima importância para o País atrair dinheiro novo — menos na forma de novos empréstimos e muito mais na forma de investimentos diretos, capitais em bolsas e lançamentos de títulos (notadamente de **comercial papers**), a ser utilizado como forma de se neutralizar as tendências recessivas.

Na realidade, o Brasil já conseguiu, mesmo sem acordos da dívida externa, reverter a situação do ingresso de fluxos de capitais no País, saindo de uma posição negativa, no ano passado, para uma captação já na faixa de US\$ 5 bilhões, conforme chegou a comentar ontem em Tóquio o ministro Marcílio.